Os murais da revolução

O maior feito moçambicano no terreno das artes plásticas exige agora a preservação dessas obras

Albie Sachs e Sol Carvalho

A arte pública, através dos cartazes ou das pinturas murais é uma das áreas em que a manifestação da vontade popular se expressa com mais frequência no marco da luta de libertação. México, Cuba, Nicarágua, Angola e Moçambique são exemplos de situações em que a arte pública atingiu proporções significativas.

Em Moçambique assistiu-se, nos primeiros anos da independência a uma eufórica fase de arte pública com pinturas nas paredes geralmente associadas às palavras-de-ordem com as quais era mobilizado o povo moçambicano. Ela reflectia uma imensa variedade de emoções e traços pictóricos mas em grande parte não era programada estando nisso, simultaneamente, a sua força e a sua fraqueza. Se, por um lado, era extremamente variada e criativa, por outro, as pinturas extinguiam-se rapidamente perdendo-se a sua mensagem que, sendo inicialmente clara, se tornava agora um fragmento indistinto.

Esta fase, por motivos didácticos chama-se de "primeiro movimento". Mas, desde cedo, surgiu também um outro tipo de pintura de paredes, pelas mesmas razões, chamado de "segundo movimento". A sua característica essencial é a de um artista profissional, ou grupo de artistas, motivado pelos movimentos sociais, procurar uma parede e nela executar um mural com uma mensagem mais universal e com objectivos mais duradouros.

São desenhos maiores, exibindo uma maior gama de cores e muitas vezes já executados com o enquadramento das autoridades.

Humor e optimismo possível

Característico também desta fase é o facto de neles terem participado exilados que, recém-chegados a Moçambique depois de vários anos de ausência forçada, se sentiam de novo úteis e activos.

Em 1977, cerca de 100 voluntários executaram o primeiro desta série de murais numa das paredes do maior complexo hospitalar do país. A orientação geral do mural foi feita por Moira Thoa, chilena, mas nele participaram moçambicanos e cooperantes trabalhadores no hospital.

Claudio Reis, também chileno, e Madalena, sua esposa moçambicana, executaram também um enorme mural numa das paredes de um cinema na baixa da capital por onde, todos os dias, passam milhares de trabalhadores que desenvolvem actividades na área portuária.

Estes dois murais são de conteúdo claramente revolucionário e os seus elementos transmitem uma visão lírica e optimista de uma revolução que necessariamente se tornou mais difícil do que a imaginavam aqueles que os produziram. Mas, ambos os murais são visões delicadas e generosas do futuro. O primeiro tem como tema essencial a mão, "única fonte de milagres em qualquer processo revolucionário" (Samora Machel), e o segundo é uma combinação de elementos da indústria e da agricultura numa representação da aliança fundamental que se pretende para o desenvolvimento moçambicano.

Um terceiro mural deste movimento ocupa todo o lado de uma construção baixa do Ministério da Agricultura. Ele está cheio de humor, sendo a sua composição animada por linhas irradiando em fitas de arco-íris. Contudo, o mural tem igualmente figuras de semblante grave e olhar fixo numa mensagem mais triste e reflexiva sobre a realidade que rodeia os moçambicanos. A combinação de elementos aparentemente contraditórios é o resultado do processo de produção do próprio mural.

Malangatana: um estilo intenso e sofredor nos murais

A parte de cima foi executada pela mesma Moira Thoa, uma exilada chilena profundamente optimista na sua pintura. A parte de baixo foi executada por um conhecido pintor moçambicano, Malangatana Nguenha que, introduzindo o seu estilo intenso e sofredor deu dramaticidade e tensão ao mural.

Malangatana viria a dar um maior contributo à pintura de paredes quando se propôs executar um enorme mural num dos jardins do Museu de História Natural. O tema é a "Luta do Homem no Contexto da Natureza" e, ao contrário dos murais referidos, a sua mensagem política é mais subtil e camuflada. Trata-se de um fresco brilhante de figuras humanas e animais que olham o espectador a partir de três paredes contíguas.

Não tem pólos nem perspectivas, as cores são surpreendentes e as justaposições brilhantes de modo que o olhar do espectador dança de um lado para o outro respondendo mais ao detalhe do que à forma global. É saudável que os responsáveis pela política cultural não exijam de Malangatana e de outros um optimismo que não existe no seu universo pictórico embora habite na sua consciência.

No mesmo nível se encontra Mankeu, um outro famoso pintor moçambicano contemporâneo de Malangatana.

Mankeu era conhecido pelas suas telas de figuras esqueléticas pintadas em tons de castanho seco. Mas, após a independência, começou a usar cores mais variadas e brilhantes como se pode ver num mural por ele executado numa das paredes da Feira Popular, todos os fins de semana visitada por milhares de cidadãos. O mural representa pessoas na execução de danças conhecidas em todo o território nacional, algo novo nas obras do pintor.

Um outro mural, de uma nova fase na pintura mural moçambicana, foi executado nos jardins da Presidência da República por diversos pintores que, conservando o seu estilo pictórico individual, conseguiram manter a unidade de conjunto. É um gigantesco fresco de figuras humanas: podemos ver rostos sofredores contrapondo-se a expressões optimistas numa representação do povo na sua imensa variedade emocional.

O túmulo de Mondlane

A maior vitória da revolução moçambicana no terreno das artes plásticas é também o marco mais importante do seu terceiro movimento, caracterizado pelo facto de as paredes serem construídas propositadamente para receber um mural.

Estamos a falar do mural da Praça dos Heróis, um muro ondulante de 96 metros de comprimento por 5 de altura.

Quando Eduardo Mondlane foi morto, a FRELIMO jurou transladar o seu corpo da Tanzania para Moçambique. Conquistada a independência, o problema foi o de criar um monumento que honrasse os heróis que tinham dado a sua vida pela libertação.

Foi desenhado um túmulo simples em forma de uma estrela de cinco pontas, colocado no centro de uma praça. Como contraponto visual e emocional construiu-se um longo e ondulante muro, para exibir o mural. O seu tema é a epopeia do povo moçambicano desde os primeiros momentos da conquista colonial, passando pela escravatura, o trabalho forçado, o fascismo, o nascimento da luta armada, a guerra de libertação, o triunfo e a nova sociedade.

A parede foi produto da actividade colectiva de onde sobressaem os nomes de José Freire, João Craveirinha, José Forjaz, Malangatana Nguenha, Eugénio de Lemos e António Quadros.

Para todos os que tomaram parte na obra ela foi uma experiência memorável, um triunfo da interacção mútua produzindo um trabalho em qualidade e escala para além de qualquer coisa produzida no país.

Uma arte a preservar

A arte mural parece ter conseguido um lugar privilegiado no conjunto das artes plásticas moçambicanas. Existem projectos para a feitura de um grande mural colectivo a ser realizado no porto de Maputo e ainda o da construção de uma praça onde diversas paredes albergarão obras dos mais relevantes pintores nacionais.

O problema consiste ainda na preservação destas obras, algumas das quais incapazes de resistir às intempéries. As autoridades estão, contudo, sensibilizadas para o problema e procura-se apoio para que as obras possam ser conservadas por bastante tempo, dada a sua elevada qualidade artística. ●